

P. 4

BOLSA-DIGNIDADE

23 NOV 1999

CORREIO BRAZILIENSE

Cristovam Buarque

Em conversas com as mães da bolsa-escola, dizia que meu sonho era ser, um dia, atendido por um médico que, no final da consulta, dissesse que se formara graças à bolsa-escola. Não foi para matar esse sonho que o governador Roriz decidiu acabar com a bolsa-escola. Como ele afirma, foi uma decisão por razões humanitárias: acabar com a pressão das mães e pais sobre seus filhos, exigindo que eles não faltem às aulas.

Felizmente, em Recife, quando eu era menino, não tínhamos um governador com tanto sentimento humanitário. Mas minha mãe e meu pai, nenhum dos dois com o curso primário completo, puderam usar de aperto no braço, beliscão na bochecha, ameaças sobre o futuro, para me obrigar a trocar a liberdade de criança pelo rigor da escola. A classe média não é chamada de desumana quando obriga seus filhos a ir à escola e a aprender complicados idiomas estrangeiros.

Mas o governador Roriz acha que é desumano obrigar as crianças pobres a estudar. Acha, também, que não têm o direito a uma bolsa com a qual comprem comida, mas têm o direito de não mandar seus filhos à escola e de mandá-los ao trabalho. E outra razão apresentada: a bolsa-escola servia para comprar comida, agora receberá o lápis. Será que o governador está consciente da falta de bom senso que ele e sua secretária têm mostrado nestes últimos dias? Sempre achei que a bolsa-escola era um programa grande demais para caber em um governo tão pequeno quanto o do sr. Roriz. Eles jamais conseguiram entendê-la.

A bolsa-escola é para comprar comida, sim, se for esta a primeira necessidade da família, até porque sem comida não adianta mandar os meninos à escola. O que surpreende nos dados é que as famílias cheguem a gastar até 17% com o material escolar, que deveria ser distribuído pelo governo, além da bolsa-escola.

O segredo do bolsa-escola, o que tem feito dele um programa reconhecido, é exatamente a mágica de vincular uma renda de que a família precisa à obrigação de mandar seus filhos à escola. A bolsa-escola mata a fome de comida das famílias e a fome da sociedade por educação.

Isso a bolsa-escola faz. Mesmo que precise de ajustes. No México, além da frequência às aulas, há exigência de que as famílias levem seus filhos ao médico uma vez por mês. Mas aqui, como fazer esse ajuste se o programa Saúde em Casa foi fechado? No Equador, estamos conversando com os professores para oferecer uma gratificação àquele cuja turma tiver uma frequência de pelo menos 90% durante o mês.

Por trás do fim da bolsa-escola está, em primeiro lugar, o descompromisso

com a educação, já mostrado quando esse mesmo governador e a mesma secretária deixaram escolas de lata, turnos da fome, meninos fora da escola. O que o atual governo deseja é diminuir a pressão do número crescente de alunos. Em segundo lugar, quer tirar a dignidade da mãe na fila do banco e colocá-la na fila de uma cesta básica, como retirante. Na primeira fila, as mães pobres recebem porque têm direito, gastam onde mais precisam e depois votam em quem elas quiserem. Na fila da

cesta, elas recebem um favor que as compromete com quem distribui a benesse.

Em segundo lugar, politizou-se a educação. Com o fim da bolsa-escola, o governador Roriz está usando uma tática que em nenhum momento foi usada por qualquer político brasileiro: perseguir crianças para atingir seu opositor em uma eleição que já é passada. Só os militares argentinos foram capazes de tal barbaridade.

A bolsa-escola não tem partido. Ela vem sendo adotada por governos dos mais diversos grupos políticos. No próximo ano, na maioria das cidades brasileiras, haverá pelo menos um candidato propondo a bolsa-escola. Em alguns municípios, to-

dos os candidatos deverão assumir o programa. Até que ela fique universal, como no governo federal, no novo PPA, o que pode depender da tendência política do seu relator. Em breve, pelo menos até 2002, só no DF a bolsa-escola será um programa em extinção.

O que dá dó no fim da bolsa-escola não é a morte de um projeto. Ele está vivo em centenas de outros municípios e estados do Brasil e em outros países. Ela vai continuar, lá fora. E aqui dentro, a população que apóia a bolsa-escola não a deixará acabar. Vamos fazer com que cada família adote outra família, passe a fazer o que o governo não faz, dar a bolsa cidadã e exigir a frequência.

Porque a bolsa-escola, ao dar dignidade a cada mãe, deu dignidade a Brasília, e não vamos perder isso só porque um governo malvado decidiu usar a mesquinha como arma para encobrir sua incompetência de levar adiante um programa.

A bolsa-escola acaba, mas não acaba a dignidade do povo do DF. Como a bolsa-escola mata a fome dos pobres e a fome de educação da sociedade, podemos ter uma bolsa-dignidade, que manterá na escola os filhos dos pobres e manterá acesa a dignidade das demais famílias brasilienses.

■ Cristovam Buarque, ex-governador do DF, é professor da UnB. É presidente da Missão Criança, entidade que garante bolsas-escola com recursos privados em outras cidades do Brasil, e colabora com entidades internacionais e governos estrangeiros para a implantação da bolsa-escola em outros países

Roriz está usando uma tática que em nenhum momento foi usada por qualquer político brasileiro: perseguir crianças para atingir seu opositor